

de tomada de posse da experiência passada pelos coletivos que se formam nas trincheiras culturais: de comunidades quilombolas a movimentos pelo direito à moradia, de coletivos artísticos urbanos a associações de familiares de desaparecidos. Ela expressa o trabalho de memória em diversas comunidades de sentido, considerando as permanências e mudanças sociais, e assumindo o desafio de repensar os problemas históricos. Os diversos ativismos contemporâneos, no Brasil, irradiam práticas de história pública em projetos independentes marcados por ações engajadas e parcerias – entre professores, historiadores, lideranças comunitárias, cineastas, jornalistas, produtores culturais, atores, artistas plásticos entre outros – para a transformação social em meio aos conservadorismos e intolerâncias.

Na educação, para além da comunidade escolar, a história pública potencializa a produção de sites, blogs, *podcasts*, games, aplicativos para celular, turismo histórico a partir de mapas interativos; bem como filmes, séries e documentários. Digitalizar, catalogar e garantir acesso livre na internet são dimensões importantes da história pública; mas é fundamental atentar para os interesses envolvidos e qualificar os debates públicos por meio dos esforços colaborativos (circularidade do conhecimento histórico) que mobilizam compromissos sócio-históricos. A história pública convida todos os sujeitos sociais – estudantes e professores, inclusive – a serem protagonistas da reflexão histórica (narrada, construída e analisada), atribuindo sentido ao trânsito na ponte temporal presente-passado e vislumbrando horizontes de expectativas compartilhados.

O que aprendi (e o que não aprendi) na escola

Aniely Silva

Os mais velhos acham que, aos dezesseis anos, os jovens não viveram nada e não entendem nada sobre as suas vidas. Tratam-nos como uma folha em branco, que pode ser rabiscada e “apagada”, quando as coisas não dão certo, fingindo que nada aconteceu. Como ser protagonista da minha própria história, se a todo tempo tenho que reafirmar que sei o que estou fazendo e que posso decidir o que é melhor para mim? Vivi 21 anos e não aprendi nada sobre a vida? A desvalorização dos meus pensamentos e das minhas atitudes me fez, durante um tempo, perder a vontade de viver.

A escola é o lugar onde as pessoas podem finalmente ser quem elas são e conquistar o seu espaço. É o lugar onde os maiores conflitos das descobertas pessoais aparecem. E como é assustador. Ninguém te ampara nos teus problemas. Nem pense em contar para alguém que você tem medo de fazer sexo ou que você não faz ideia de como é beijar na boca. Imagina se alguém descobre que você não sente atração pelo sexo oposto. É ótimo poder decidir o que vai vestir e poder pedir uma opinião sobre o penteado que vai usar com aquela camisa para os seus pais ou irmãos, mas eles não podem nem sonhar que você não é o que eles esperam que você seja.

Não nos ensinam muitas coisas na escola, e muito menos em casa. Uma delas é entender quem somos. Como é possível construir uma identidade, se não se pode nem falar de algo que já viveu sem ouvir “isso não é nada”, ou, “não fez mais que a sua obrigação”? Ninguém nos ensina a gostar de nós mesmos, a sermos livres para escolher a hora mais confortável de viver nossa sexualidade, seja ela qual for, a respeitarmos o corpo e o espaço do outro, a percebermos as nossas fraquezas, a preservarmos a nossa saúde física e mental.

Aos doze anos, percebi que as minhas amigas na escola já gostavam dos meninos – algumas já tinham até beijado aqueles que elas gostavam –, e eu nunca tinha sentido vontade de nada daquilo. Achava que havia algo estranho, mas nunca tinha percebido nada de errado; acreditava que não estava na hora de acontecer comigo, já que eu ainda me sentia criança e brincava de boneca. Quando cheguei aos catorze, ainda não sentia atração pelos meninos, e todas as minhas amigas já tinham perdido o “BV”, ou seja, beijado pela primeira vez. Eu me sentia “atrasada” nesses assuntos, e lia muitas revistas adolescentes que reforçavam a heterossexualidade e os relacionamentos jovens.

Eu nunca tinha conversado com ninguém sobre como me sentia. Guardava tudo para mim, mas sentia um palpitar diferente no corpo quando chegava perto de determinadas meninas, algo que eu nunca tinha sentido antes. Havia uma garota em especial que era muito atenciosa comigo e eu com ela. Eu adorava conversar com ela, e fazia questão de ficar depois da aula, na frente da escola, para bater papo. Sentávamos em uma escada no fim da rua da escola, e passávamos um tempão lá. Foi lá que nos beijamos pela primeira vez. Foi com ela que descobri que gostava de garotas, e eu me sentia muito bem com isso.

Na escola, esse era um assunto proibido. Ninguém falava nada. A coordenação da escola era composta por três irmãs biológicas, que também eram de uma igreja. Elas usavam saias até os joelhos, e incentivavam as meninas a se sentarem com as pernas fechadas, a falarem baixo, a não correrem e a se “comportarem”. Quando alguém fazia algo que era considerado errado, descia para a coordenação para receber sua punição. Algumas pessoas tinham que ler capítulos da Bíblia e copiar diversas vezes, em folhas de caderno, um mesmo versículo escolhido por uma das coordenadoras. Era algo vexatório, sobre o qual ninguém falava. Só descobrimos que isso acontecia durante a ocupação, quando o assunto surgiu entre nós. Percebemos que muitos de nós tinham passado por aquilo e nem sequer comentado com alguém.

Lembro de uma vez em que eu estava na sala com uma amiga e ela estava com o braço por cima do meu ombro. Minha professora de física veio até nós e, no meio da sala, gritou: “Meninas, vocês sabem que positivo com positivo dá negativo. Podem ir soltando esses braços aí, que eu não quero esse tipo de coisa na minha aula”. Na mesma hora, os outros alunos começaram a rir. Me senti envergonhada, mas naquele momento não entendia direito o motivo de essas coisas acontecerem comigo; afinal, os casais heterossexuais se beijavam dentro da sala e nunca ouviam que não podia. Eu tinha uma amiga, aluna transexual, que estudava no ensino médio no período noturno e foi proibida de usar o banheiro feminino pela diretora, ainda que as outras alunas da escola concordassem com a presença dela.

Eu sempre achei que a minha família era aberta para conversar. A minha mãe, com quem eu tinha um relacionamento ótimo, tinha amigas transexuais e nós frequentávamos as casas delas. Achava que quando minha mãe descobrisse sobre o meu relacionamento, seria tranquilo e normal. Não quis contar no início, mas me preparava para isso. Não era a mesma coisa com meu irmão mais velho: minha mãe adorava as histórias dele com as garotas.

Um dia eu estava fazendo brigadeiro em casa e minha mãe chegou nervosa. Ela tremia toda. Parou do meu lado e disse para que eu desligasse o fogo. Obedeci, e ela me perguntou: “Que história é essa de que você está ficando com uma menina?”. Ela estava muito brava e com uma cara de reprovação. Fiquei com tanto medo que neguei, mas ela logo pediu meu celular e acabou descobrindo tudo. Nesse dia, apanhei muito dela e do meu pai. Minha mãe me fez prometer que eu não faria isso nunca mais. Recebi muitas ameaças. Foi um dos piores dias da minha vida. Não desejo o que passei para ninguém. Pensei várias vezes em tirar a minha própria vida, e como isso é dolorido de lembrar. Era a minha vida, e eu estava feliz, mas aquilo me deixou sem saber para onde correr. Durante um tempo, achei que eu era o problema. Meus pais e a escola me repreendiam por eu ser quem eu era.

Fui percebendo que mesmo que eu me esforçasse para gostar de garotos, não conseguia sentir nada por eles. Passei a acreditar que pra ser feliz eu teria que abandonar completamente a minha família, ou então viveria uma vida triste para não decepcionar meus pais. Minha melhor amiga foi quem me apoiou nesse caos, e foi por ela que eu me apaixonei. Decidi fazer um curso no centro de São Paulo para poder passar mais tempo com ela, e como os meus pais não frequentam a região, seria o lugar perfeito para eu viver como queria sem ter que abandonar minha família.

Foi nesse curso, sobre direito à educação, que eu me descobri apaixonada pela escola¹. Aprendi sobre os meus direitos e descobri uma escola diferente, inclusiva, que poderia lidar com as diferenças de forma saudável. Entendi que a escola é estruturada para excluir e para colocar seus estudantes para competir uns com os outros. Foi bem nesse momento que o projeto de reorganização das escolas estaduais de São Paulo foi lançado.

Cheguei na escola de manhã, e havia várias listas na parede do pátio com os nomes dos estudantes e para onde seriam transferidos. Não foram explicados os motivos, e nem o que era a tal reorganização. Na escola onde eu estudava, que oferecia todos os anos do ensino fundamental, o ensino médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos três períodos do dia, sobraria apenas o fundamental de manhã e à tarde depois da reorganização.

Assim que consegui entender o quão prejudicial isso seria para a minha escola e para todos os estudantes que não teriam condições de se manter em uma escola longe de casa, percebi que não podia ficar sem fazer nada. Junto a um grupo de estudantes, ex-estudantes e de pessoas do bairro, decidimos ocupar a nossa escola como forma de resistência. Sabíamos que algumas unidades mais centrais já estavam ocupadas; não tínhamos ideia sobre como fazer a ocupação, mas fomos com coragem.

De início, queríamos apenas barrar a reorganização, mas em pouco tempo percebemos que era mais que isso. Descobrimos desvios de dinheiro por parte da diretora², a existência de comida vencida na cozinha, de produtos químicos vencidos³, de materiais didáticos escondidos – livros, CDs, *datashow*, materiais para aulas de arte e instrumentos musicais novos, ainda embrulhados em plástico bolha. Problemas na estrutura física da escola como goteiras, telhas esburacadas, infestações de ratos, tetos cedendo, fiação exposta, ventiladores quebrados, banheiros sem papel higiênico, sem privadas e sem portas eram

¹ Sobre essa formação, no projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação (Jade), da ONG de educação popular Ação Educativa, ver Bárbara Lopes, Natália Bouças e Raquel Souza, *Jovens e direito à educação: guia para uma formação política* (São Paulo, Ação Educativa, 2016). Também na Ação Educativa, fui uma das pessoas que produziu a cartilha “Por que discutir gênero na escola?”, lançada em 2016; disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao_porquediscutirgeneronaescola.pdf>. A publicação resulta de uma extensão do Jade: o curso Jovens Agentes pelo Direito à Igualdade de Gênero na Escola (Jadig).

² E até conseguimos abrir um procedimento de investigação contra ela na Diretoria de Ensino.

³ Como na escola não havia laboratório, esses materiais, que supostamente eram para as aulas de química e ciências, estavam guardados em um armário dentro do banheiro feminino.

comuns para todos os estudantes. Passamos a fazer outras reivindicações durante a ocupação.

Foi um movimento forte e lindo, que contou com a participação de muitos rostos que antes eram desprezados pela escola. Foi um ato unificado de estudantes de todas as partes, da comunidade escolar, de pais que não conheciam as mazelas da escola e a situação dos professores que gritavam sozinhos por melhorias. Foi a hora de as pessoas entenderem que estávamos em outro momento na educação, que uma cultura política de algum modo nascia ou se renovava nos estudantes, que não iríamos mais abaixar a cabeça. Foi um momento de emancipação da escola e dos estudantes, que, na verdade, já ocupavam a escola todos os dias. Os estudantes entenderam por que a escola existe e a quem ela pertence.

Fomos ameaçadas e levamos bombas enquanto dormíamos. Nos dividimos em grupos, lavamos a escola, cozinhamos para todos, fizemos oficinas, jogos, palestras e assembleias. Construímos juntos o espaço. Defendemos, gritamos e lutamos por ele. Reivindicamos o nosso direito a uma escola de qualidade, nos apoiamos e explicamos para o máximo de pessoas a importância do que estávamos fazendo. Rimos, brincamos e estudamos. E fizemos tudo isso com a ajuda uns dos outros. Produzimos um espaço democrático e livre. Naquele dezembro de 2015, depois de estudar onze anos na mesma escola, eu me senti pertencente àquele lugar, que eu finalmente me senti em condições de construir. A escola nunca foi tão nossa.

Acabei entendendo que os problemas que eu tinha não eram necessariamente de “comportamento” ou de assimilação do conteúdo. Eram parte da descoberta de quem eu sou. Não tive ajuda em casa e nem na escola, até ver pessoas que, assim como eu, não sabiam o que fazer, mas estavam dispostas a se ajudar no que fosse preciso. Construímos juntos a nossa concepção de escola e de nós mesmas, e foi transformador.

Decidi me tornar professora para ajudar outros jovens que, em todos os lugares e a todo momento, são privados da oportunidade de entenderem quem são. Consegui subir um degrau graças aos lugares por onde passei e às pessoas que conheci e que se dispuseram a me ajudar. Tive oportunidades. Tenho orgulho do que sou e do que me tornei. De onde estou agora, a vista é incrível! Jogarei uma escada ou uma corda para todos e todas que quiserem subir mais alto do que eu consegui. Sei que plantei uma semente e que ela demora a crescer. Mas o jardim fica lindo quando floresce.